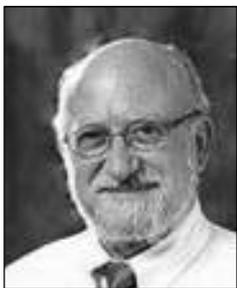


REFORMA EDUCATIVA: O QUE É COMUM NOS SISTEMAS EDUCATIVOS DE ELEVADO DESEMPENHO¹



Stephen P. Heyneman

*PhD em Instrução Comparativa pela Universidade de Chicago, EUA; prof. de Políticas de Educação Internacional da Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, EUA.
E-mail: s.heynean@vanderbilt.edu
<http://www.vanderbilt.edu/peabody/heynean>*

O prof. Stephen trabalhou no Banco Mundial por 22 anos, onde dedicou-se a pesquisas sobre qualidade na educação e à elaboração de políticas para suporte da eficácia educacional. Foi, ainda, responsável pela a política de educação e financiamento estratégico, primeiramente para o Oriente Médio e Norte da África e, mais tarde, para os 27 países de Europa e da Ásia Central. Em julho de 2000, assumiu o cargo de professor da política internacional da educação na Universidade de Vanderbilt. Nesta entrevista, o prof. Stephen fala sobre a necessidade de construção de um consenso político e social para a promoção de reformas educativas, aponta experiências de sucesso de diferentes países e conta um pouco sobre o sistema educacional dos Estados Unidos. Para ele, há três elementos fundamentais quando se trata de reforma educativa: o consenso político e social, o financiamento e o respeito ao tempo de maturação da nova realidade.



Máslava Teixeira Valença

*Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Assessora técnica da área Imagem Pessoal do Senac – Departamento Nacional.
E-mail: maslova@senac.br*

MÁSLOVA – Atualmente, vários países enfrentam problemas em seus sistemas educacionais. O seminário *Educação no século XXI: modelos de sucesso* procurou apresentar experiências bem sucedidas de reformas educativas em todo o mundo. Que critérios são adotados para definir o sucesso de uma reforma educativa?

STEPHEN – Reforma educativa não é sinônimo de melhoria da educação. A melhoria acontece o tempo todo; a reforma educativa é rara. Por definição, a reforma educativa exige confrontar as estruturas, a filosofia ou a governabilidade tradicionais. Isso envolve riscos político e

social. Há duas categorias de reforma. A primeira troca melhorias na educação pelo desafio às estruturas tradicionais. É uma mudança que se faz de modo consciente e depois de muita discussão. O Ato de Educação da Grã Bretanha, de 1988, é um bom exemplo. A segunda é uma mudança resultante de forças exógenas sobre as quais o sistema educacional não tem nenhum controle. As mudanças estruturais no ensino profissional da antiga União Soviética são um exemplo. Devido à introdução de forças mercadológicas no mercado de trabalho, as velhas estruturas do ensino profissional se tornaram insustentáveis.

MÁSLOVA – O consenso atual é de que não há desenvolvimento econômico sem reformas na educação. Considerando a realidade dos países que se destacaram por suas reformas educativas, a recíproca é verdadeira, ou seja, é possível o êxito de uma reforma educativa sem desenvolvimento econômico? Afinal, quais seriam as relações entre reforma educativa e desenvolvimento econômico?

¹ Palestra apresentada no Ciclo de seminários internacionais Educação no século XXI: modelos de sucesso, realizado em Brasília no dia 13/08/07, patrocinado pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, Confederação Nacional do Comércio, Sesc e Senac.

Entrevista realizada através de e-mail.

Tradução de Heliete Vaitsman.

• • •

*Mas o futuro
de um país depende
da qualidade de sua
educação profissional
e para que ele seja
competitivo
são necessárias
mudanças significativas
em todos os níveis.
O financiamento constitui
uma das mais importantes
áreas de mudança.*



STEPHEN – O desenvolvimento econômico não é um pré-requisito para o consenso político e social. A reforma educativa exige que haja consenso sobre a importância da educação e acordo em relação à inadequação das estruturas e dos sistemas de governabilidade existentes. Se um país consegue alcançar o consenso nesses dois aspectos, a reforma educativa é possível independentemente do desenvolvimento econômico.

MÁSLOVA – Dada a estreita relação entre educação e desenvolvimento econômico, como a educação profissional tem sido tratada nas reformas em curso?

STEPHEN – As reformas na educação profissional costumam vir com atraso. Há mais conservadorismo em torno das escolas profissionais, e são maiores os riscos de mudar os sistemas. Mas o futuro de um país depende da qualidade de sua educação profissional e para que ele seja competitivo são necessárias mudanças significativas em todos os níveis. O financiamento constitui uma das mais importantes áreas de mudança.

MÁSLOVA – Avaliando as experiências de reforma educativa em todo o mundo, que países obtiveram melhores resultados e por quê?

STEPHEN – Coréia, Finlândia, Grã Bretanha, Holanda, Nova Zelândia, Chile e – sim – Estados Unidos. Cada um desses países chegou a um consenso bipartidário sobre a necessidade de desafiar as estruturas vigentes e então isso foi feito. Além disso, as mudanças continuam a ser populares entre amplos setores da população e todos os partidos políticos.



MÁSLOVA – Uma reforma educativa pode ser extremamente popular sem, contudo, apresentar evidências concretas de sucesso. O senhor vê alguma incompatibilidade entre a realização da vontade popular e o receituário dos especialistas?

STEPHEN – As mudanças em política social não são análogas às mudanças das amebas. Ao se modificarem, as políticas sociais o fazem de formas não antecipadas que são, às vezes, bastante construtivas. Talvez as mudanças antecipadas (a eficiência dos *vouchers*, por exemplo) não se concretizem, porém a possibilidade de escolher a escola é popular entre muitos setores da população. Nesse caso, pode-se concluir que a reforma educativa é um sucesso ainda que a eficiência não tenha alcançado os resultados esperado.

MÁSLOVA – Se observarmos a realidade da educação no mundo, é possível constatar que muitos países deveriam investir em mudanças radicais em seus sistemas educacionais, mas isso não ocorre. Em sua opinião, que fatores levam um país a promover uma reforma educativa?

STEPHEN – A resposta é a mesma que dei à segunda pergunta. Reformas efetivas em política social baseiam-se na possibilidade de consenso social. Chegar ao consenso é algo complexo, que provavelmente depende de uma liderança política efetiva. E a liderança política efetiva não depende da ‘riqueza’ ou do ‘desenvolvimento’. Quando se chega ao consenso sobre a necessidade de uma reforma educativa, o restante se segue.

MÁSLOVA – Reformas educativas têm ocorrido em países de realidades muito distintas. Apesar disso, pode-se afirmar que existem pontos em comum entre as experiências em curso? De que forma tais experiências podem ser úteis para os países que apresentam sistemas educacionais com grau de comprometimento elevado?

STEPHEN – Muitos acham que a reforma educativa é barata e simples. Muitos alegam estar promovendo reformas quando estão falando, na verdade, de pequenas melhorias. A expressão ‘reforma educativa’ tem sido usada com tamanha freqüência e sem cuidado que acabou por se desvalorizar. Mas se usarmos a expressão na acepção que pretendemos, com o significado de desafio às estruturas tradicionais, então ela é mais séria e mais densa. Países cujos sistemas educacionais foram ‘feridos’ podem fazer uma genuína reforma educativa se três pontos forem considerados:



• • •

A expressão 'reforma educativa' tem sido usada com tamanha freqüência e sem cuidado que acabou por se desvalorizar. Mas se usarmos a expressão na acepção que pretendemos, com o significado de desafio às estruturas tradicionais, então ela é mais séria e mais densa.



(i) Consenso de todos os partidos políticos em torno da direção da reforma educativa. É impossível promover uma verdadeira reforma se esta for tolhida sempre que ocorrer uma nova eleição.

(ii) Paciência para aguardar os resultados. As grandes reformas demoram pelo menos uma década. Os líderes políticos não deveriam enganar o público sobre como 'eles' modificarão o sistema. O sistema será mudado aos poucos se houver apoio dos vários e diferentes setores. É importante que os líderes políticos sejam honestos sobre o tempo necessário para a realização de uma genuína reforma educativa.

(iii) Maiores recursos. Embora os recursos financeiros não sejam, na verdade, o único determinante da eficácia educacional, o fato é que há necessidade de um patamar mínimo de recursos se um país pretende competir com as democracias industrializadas. Isso implicará no aumento proporcional dos investimentos em educação em muitos países de média renda, como o Brasil. Ademais, esse novo investimento deve se manter ao longo do tempo, e não ser feito por apenas um ou dois anos. Na China, o aumento no investimento em educação na última década foi de 1% acima do índice de crescimento econômico. Por exemplo, se o crescimento econômico é de 6% num determinado ano, o investimento público em educação é de 7% para aquele ano.

MÁSLOVA – Como está organizado o sistema educacional americano e quais são as dificuldades de administrar a educação em um país de grandes dimensões, com características tão variadas de estado para estado?

STEPHEN – Com mais de 15.000 distritos escolares independentes e 50 estados, a reforma educativa nacional nos EUA é, sem dúvida, complexa. As mudanças são colocadas em prática de maneira diferente em áreas diferentes do país. Em alguns casos, os testes que verificam a alfabetização ou as habilidades matemáticas têm valores e interpretações diferentes. Os padrões diferem e, é claro, as populações também são diferentes. Na Flórida, cerca de 60% das crianças são novas nas suas escolas, em comparação com cerca de 10% em Minnesota. As diferenças dos desafios são profundas. Existe uma variedade de bases tributárias para a educação e alguns distritos podem alocar cinco vezes mais recursos por criança do que outros distritos.

Por outro lado, essas diferenças às vezes geram competição, e a competição pode gerar inovação e mudanças saudáveis. Os professores transferem-se de um distrito para outro em resposta a aumentos salariais e outros incentivos. As idéias de reforma escolar são negociadas e anunciadas como incentivos a fim de atrair novos negócios para uma área. Em alguns aspectos, as diferenças entre as comunidades são uma força muito positiva para a mudança construtiva.

